



A SIMBOLOGIA DO RIO E O REI NAS CANTIGAS DE AMIGO DE JOHAN ZORRO

Poliane Florentino da Silva¹

Márcia M. Melo Araújo²

INTRODUÇÃO

O trovador Johan Zorro integra a seleção de cantigas de amigo feita por José Joaquim Nunes em seu *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses* e também a seleção de 504 cantigas de Rip Cohen, em que este trabalha somente as cantigas de amigo. Na edição coordenada por Mercedes Brea (2014), disponível em site do Centro de Investigação Ramón Piñero, catalogado nas referências deste trabalho, temos as onze composições que integram o cancionero de Johan Zorro, sendo 10 cantigas de amigo e apenas uma cantiga de amor. A partir dessas fontes, integramos o Projeto de Pesquisa A imagem da mulher nas pastorelas de Airas Nunes e D. Dinis: mito e simbolismo no imaginário medieval, coordenado pela professora doutora Márcia Maria de Melo Araújo.

O interesse por este projeto ocorreu durante as aulas de Literatura Portuguesa, em que notamos a importância do Trovadorismo português como primeiras fontes da língua portuguesa e também como marco inicial para o que hoje conhecemos como Literatura Brasileira. Grandes escritores e até mesmo cantores, a exemplo de Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Chico Buarque de Holanda, Renato Russo entre outros, cultivaram esse quinhão da literatura em suas obras, deixando-nos uma leitura dos cancioneros. Além disso, as imagens poéticas dos trovadores são instigantes para despertar a curiosidade do pensamento e da literatura medieval sobre a mulher e seu papel na sociedade.

¹ Graduanda em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas, bolsista PBIC/UEG, câmpus Pires do Rio, e-mail: poliane07@hotmail.com

² Professora de Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Goiás, Pires do Rio, Goiás. Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa/GPELLP/CNPq.



II CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

20 a 22 de Outubro de 2015
Local: Câmpus – Pirenópolis

*Interdisciplinaridade e currículo:
uma construção coletiva*



Em sua tese de doutorado, Márcia Araújo (2013) comenta a imagem da amiga que aguarda o namorado diante do rio, remetendo a conhecidos símbolos da libido, seja pelo movimento das águas, seja por sua fecundidade. Asensio (1970) informa que atitudes da amiga diante do rio, da fonte e do mar representam uma temática rica em símbolos, descrita em outras cantigas, por trovadores como Meendinho, Nuno Fernandez Torneol e Martin Codax, em que acrescentamos o próprio Johan Zorro. Assim, seguindo essas pistas, selecionamos, para este trabalho de pesquisa, o cancionero de Johan Zorro, composto por suas onze cantigas, com a intenção de investigar a presença do rei e a simbologia do rio nas cantigas desse trovador.

Elementos como o rio e as barcas possuem uma linguagem altamente simbólica e podem representar a presença ou ausência do amigo, metonimicamente marcado em sua partida ou chegada e a política marítima do rei trovador D. Dinis que comparece no cancionero de Johan Zorro como pode ser entendido na cantiga a seguir.

El rei de Portugale
barcas mandou lavrare,
*e lá irá nas barcas sigo,
mha filha, o voss' amigo*
El rei portugueese
barcas mandou fazere,
*e lá irá nas barcas sigo,
mha filha, o voss' amigo*
Barcas mandou lavrare
e no mar as deitare,
*e lá irá nas barcas sigo,
mha filha, o voss' amigo*
Barcas mandou fazere
e no mar as metere,
*e lá irá nas barcas sigo,
mha filha, o voss' amigo*

Na cantiga, barcas novas são construídas pelo rei e postas no mar. Ambos elementos – rei e mar – parecem ser obstáculo para os namorados. A voz feminina que aparece na cantiga trata-se da mãe, que comenta com a filha o destino do namorado desta. Nos dá a entender que a mãe já passara por isso.

Per ribeyra do rio
vi remar o navio,
e sabor ey da ribeyra.



II CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

20 a 22 de Outubro de 2015
Local: Câmpus – Pirenópolis

*Interdisciplinaridade e currículo:
uma construção coletiva*



Per ribeyra do alto
vi remar o barco
e sabor ey da ribeyra.

Vi remar o navio:
i vay o meu amigo,
e sabor ey da ribeyra.

Vi remar o barco:
i vay o meu amado,
e sabor ey da ribeyra.

I vay o meu amigo,
quer-me levar consigo,
e sabor ey da ribeyra.

I vay o meu amado,
quer-me levar de grado,
e sabor ey da ribeyra.

A amiga parece se encontrar à margem do rio, onde vê passar o navio, no qual está seu amigo. É nessa observação que faz do barco sendo levado que ela parece se identificar, pois diz que o amigo quer levá-la “consigo”. No cenário, temos os barcos passando e a vontade da amiga de ficar junto de seu amado, como pode ser notado pelo refrão (*e sabor ey da ribeyra*).

Quando a voz feminina vai para a ribeira, parece ter esperança de que o rio aproxime ela de seu amado. A cantiga parece mostrar um amor proibido entre dois jovens e o rio vem simbolizar a união ou a separação deles. Segundo Graça Videira Lopes (2014), a voz que aparece na cantiga refere-se ao amigo como aquele que “quer-me levar consigo”, ou seja seria um amor correspondido mas impedido pela separação dos amantes. Ainda comenta Graça Lopes (2014) que Johan Zorro, em sua cantiga, refere-se a uma cidade que está em construção marítima naval.

É no sentido de entender as simbologias ocultas na linguagem das cantigas de amigo e cantigas de amor de Johan Zorro, que encontramos a justificativa para este trabalho. Desse modo, fomos buscar, numa perspectiva comparativa, as estruturas literárias e sociais do mundo medieval em que as cantigas foram idealizadas e encontrar as marcas das práticas e das mentalidades do homem dessa época. Daí a relevância do estudo do cancionero de Johan Zorro.



II CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

20 a 22 de Outubro de 2015
Local: Câmpus – Pirenópolis

*Interdisciplinaridade e currículo:
uma construção coletiva*



OBJETIVO

Como objetivo, para este relatório final de projeto, temos o intuito de divulgar os resultados finais da investigação, delimitando o significado da presença do rei e a simbologia do rio no cancionero de Johan Zorro. Ainda como delimitação, trouxemos algumas reflexões sobre a análise da imagem da mulher nas cantigas de amigo dos trovadores galego-portugueses, entre outros objetivos que elaboramos quando do plano de trabalho desta pesquisa, entre os quais trazemos para este espaço com a meta de direcionar os aspectos que resultaram neste relatório. Assim seguem os objetivos: selecionar o corpus de pesquisa e estabelecer relação entre as várias temáticas presentes nas cantigas de Johan Zorro; reconhecer a simbologia das águas e a presença do rei no cancionero de Johan Zorro; contribuir para a área de estudos literários com a análise das cantigas de Johan Zorro; entender a contextualização histórica, a simbologia dos barcos, a presença do rei nas cantigas; redigir resumos, artigos e ensaios sobre o trabalho investigado e apresentá-los em eventos científicos, seminários acadêmicos, entre outros.

METODOLOGIA

Com o intuito de desenvolver este projeto e pronunciar os resultados da pesquisa, seguimos a metodologia de dividir o nosso trabalho em três etapas: A primeira etapa envolveu a leitura das principais fontes para tratar do assunto, a exemplo de Fidelino de Figueiredo (1944), João Gaspar Simões ([1955-1956]), Rodrigues Lapa (1964, 1982), Segismundo Spina (1969), José Joaquim Nunes (1973), Mário Martins (1975, 1979), Luiz Costa Lima (1984), Georges Duby (1988, 1989), Leodegário A. de Azevedo Filho (1991), Howard Bloch (1995), Lênia Márcia de Medeiros Mongelli, Maria do Amparo Tavares Maleval e Yara Frateschi Vieira (1995), José Rivair Macedo (1999), Rip Cohen (2003), Massaud Moisés (2005), Lênia Márcia Mongelli (2009) e Tavani (2014). Nessa etapa, contemplamos ainda a pesquisa bibliográfica de pesquisadores que trabalham a lírica profana galego-portuguesa, como Mercedes Brea (2014), que considera Johan Zorro um jogral, provavelmente, originário de Portugal. Entretanto o pouco que se sabe a respeito dele reduz-se a alguns documentos em que esse trovador é referido. Ainda segundo Brea (2014), as inquirições de 1258, realizadas nos



II CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

20 a 22 de Outubro de 2015
Local: Câmpus – Pirenópolis

*Interdisciplinaridade e currículo:
uma construção coletiva*



partidos judiciais de Gondomar e Aguiar de Pena, referem-se à presença de duas pessoas com o apelido do trovador: Pero Pais Zorro e Gonçalo Zorro, ambas parecem estar a serviço dos Souza. Numa doação de bens da viúva de Estevan Perez Espinel, no mosteiro de Santa Cruz em 1263, vê-se que uma das testemunhas é Domingo Perez Zorro. Se confirmarmos o parentesco de Johan Zorro com um desses três homônimos, a sua naturalidade portuguesa estaria confirmada. Porém, o fato de estar colocado no hipotético cancionero de jograis galegos impede essa conjectura. Mercedes Brea explica em sua lírica profana que de todo jeito, seja ou não português, a atividade poética de Johan Zorro, pelas frequentes referências a Lisboa e ao rei de Portugal, situa-se em Portugal, durante o reinado de Dom Dinis (1279-1325).

A segunda etapa, foi a seleção das cantigas de amigo e de amor do cancionero lírico de Johan Zorro. A recolha das cantigas foi feita com base na seleção de Nunes (1973) e demos evidência àquelas mais próximas do tema deste trabalho. Por último, na terceira etapa, contemplamos a análise das cantigas, fichamentos, resumos, elaboração de pôsters e resenhas sobre os diversos aspectos, como por exemplo, poéticos, históricos e imaginários da biografia e obra do trovador Johan Zorro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro resultado esperado com o desenvolvimento desta pesquisa foi o de conhecer o cancionero lírico de Johan Zorro. Em seguida, tentamos cumprir os objetivos desta pesquisa, entre os quais se encontra: investigar o significado da presença do rei e a simbologia do rio no cancionero de Johan Zorro e refletir sobre os aspectos simbólicos no imaginário do trovador e de sua época. Além disso, com o propósito de definir o foco deste projeto, além de reforçar e reconhecer o talento das primeiras fontes que constituem a origem da literatura portuguesa, tem-se a intenção de contribuir para a área de estudos literários com o resultado da análise objeto desta pesquisa.

Como outros resultados esperados, pretendemos melhorar o ensino-aprendizagem de literatura portuguesa e com isso direcionar nossa investigação para a produção e publicação de resumos, ensaios, além de publicações oriundas de participação em eventos científicos e acadêmicos. Como ponto máximo, estamos terminando o Trabalho de Conclusão de Curso,



II CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

20 a 22 de Outubro de 2015
Local: Câmpus – Pirenópolis

*Interdisciplinaridade e currículo:
uma construção coletiva*



intitulado: A simbologia do rio e o rei nas Cantigas de Amigo de Johan Zorro, a ser defendida em novembro de 2015. Também participamos de vários eventos, entre os quais destacamos: I Singel - Simpósio Interdisciplinar Nacional de Geografia e Letras, realizado de 26 a 31 de maio de 2014; IX Seminário Interdisciplinar de Pesquisa da UEG Pires do Rio, realizado nos dias 6 e 7 de agosto de 2014; II CEPE congresso de Ensino Pesquisa e Extensão, em 14 de outubro de 2014; Memorial Patrimonial e Literário do Cerrado Goiano: Gilberto Mendonça Teles e IX Mostra de Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual de Goiás, realizado de 05 a 06 de novembro de 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cantigas de amigo geralmente trazem uma temática muito rica em símbolos no trato do espaço amoroso. Alguns pesquisadores, como Márcia Araújo (2013), comentam sobre a narrativa de símbolos presentes nas cantigas de amigo. Na Idade Média, a tradição bíblica e a tradição clássica grega e romana vão contribuir para reforçar um modo de ver a natureza como representação da realidade sensível em quase todos os seus aspectos. Elementos como a fonte, a ribeira e o rio aparecem, geralmente, associados ao princípio positivo da simbologia líquida, posto que tais elementos encarnam o desejo da realização maorosa, da consumação do prazer erótico e sexual. Não temos dúvida de que há, na literatura medieval, textos que ressoam a tradicional crença na força atrativa da natureza feminina para a sedução, há outros que tecem uma conexão da mulher ao ideal cavaleiresco, com atributos como a compaixão, a justiça e a fidelidade. Essa dualidade é sugestiva de que, nas cantigas de amigo, esses motivos se sustentam a ideia da mulher ora sedutora, ora chorosa e submissa (ARAÚJO, 2013).

As cantigas do trovador Johan Zorro vem confirmar essa dualidade, pois a jovem ora está em diálogo com a mãe, pedindo-lhe conselhos, ora, em outros momentos, aparece conversando com a natureza como na cantiga “Pela ribeyra do rio salido”, em que a jovem mostra sua expectativa de que os barcos possam trazer notícia de seu amado. Ora alegre, ora triste, dançando em volta das avelaneiras, observando as barcas no rio, são imagens representativas da simbologia que abrange a mulher nas cantigas de amigo.



II CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

20 a 22 de Outubro de 2015
Local: Câmpus – Pirenópolis

*Interdisciplinaridade e currículo:
uma construção coletiva*



Segundo Gheerbrant e Chevalier (1989), a avelaneira e seu fruto desempenham um papel importante no simbolismo dos povos germânicos e nórdicos: num conto irlandês, uma duquesa estéril passeia em um bosque coberto de avelaneiras, para pedir aos deuses que a tornem fértil; a avelã tem sempre o seu lugar nos ritos de casamento; e “quebrar as nozes” era considerado, na Alemanha, eufemismo amoroso. Assim, a avelaneira tornou-se a árvore da orgia.

Seguindo estas pistas na cantiga do trovador Johan Zorro, as donzelas dançando nas avelaneiras pode representar um símbolo de fertilidade ou um ritual de passagem, da adolescência para a vida adulta. Araújo (2013) comenta que além das avelaneiras, os cabelos têm uma representatividade muito significativa da virgindade. Tanto que na cantiga “Cabelos, los meus cabelos”, de Johan Zorro, a mãe aconselha a jovem a entregar seu cabelos ao rei significando entregar sua virgindade.

Araújo (2013) faz uma análise dos versos “Fui eu, madre, lavar meus cabelos”, de Johan Soarez Coelho; “- Cabelos, los meus cabelos”, de Johan Zorro, e “Levou s’ aa alva, levou s’ a velida”, de Pero Meogo, “Levantou-s’ a alva, levantou-s’ a velida”, de D. Dinis. Como resultado, a autora comenta que nas cantigas de amigo haveria uma interpretação de duplo sentido onde há presente um erotismo nas cantigas desses trovadores citados acima. Ainda segundo a autora, na cantiga “per ribeyra do rio” um ponto simbólico seria a jovem estar na margem do rio e ver os barcos passando e dentro seu amigo indo embora. Nessa imagem, para a autora, o mar representaria a figura do rei que promove a separação dos amados. Podemos perceber que o rei usava de sua política marítima onde que ele governava em Lisboa para conseguir ver os seus desejos atendidos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. *Imagens femininas e de feminização da mulher nas cantigas de amigo galego-portuguesas*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2013.

ASENSIO, Eugênio. Disponível em: <www.cervantesvirtual.com>. Acesso em: 18 de mar. 2014.

BREA, Mercedes. *Biografia de Johan Zorro*. Disponível em: <www.cirp.es>. Acesso em: 18 fev. 2014.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. *As Cantigas de Pero Meogo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.



II CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

20 a 22 de Outubro de 2015
Local: Câmpus – Pirenópolis

Interdisciplinaridade e currículo:
uma construção coletiva



- BREA, Mercedes. A lírica profana galego-portuguesa. Disponível em: <http://www.cirp.es/pls/bdo2/f?p=103:8:3061789083914925916::NO::P8_IDC,P8_SEQ_ID:0406%2C4> . Acesso em: 12 nov. 2013.
- BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Trad. Claudia Moraes. Rio de Janeiro: 34 Literatura, 1995.
- COHEN, Rip. *500 cantigas d'amigo*. Trad. de Isabel Rodrigues. Porto: Campos das letras, 2003. (edição crítica de Rip Cohen).
- DUBY, Georges. *O cavaleiro, a mulher e o padre: o casamento na França feudal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.
- _____. *Idade Média, Idade dos homens. Do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. *História literária de Portugal: séculos XII-XX*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1944.
- LAPA, M. Rodrigues. *Lições de literatura portuguesa: época medieval*. 5. ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1964.
- _____. *Miscelânea de língua e literatura portuguesa medieval*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1982.
- LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LOPES, Graça Videira. Disponível: <www.fcsh.unl.pt>. Acesso em 21 mar .2014
- MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1999. (Repensando a História Geral).
- MARTINS, Mário. *A Bíblia na literatura medieval portuguesa*. Amadora: Instituto de Cultura Portuguesa, 1979.
- _____. *Alegorias, símbolos e exemplos morais da literatura medieval portuguesa*. Lisboa: Edições Brotéria, 1975.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2005.
- MONGELLI, Lênia Márcia. *Fremosos cantares: antologia da lírica medieval galego-portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros; Maleval, Maria do Amparo Tavares; Vieira, Yara Frateschi. *Vozes do trovadorismo galego-português*. Cotia, SP: Íbis, 1995.
- NUNES, José Joaquim. *Cantigas de amigo dos trovadores galego-portugueses*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1973. 3 v.
- SIMÕES, João Gaspar. *Historia da poesia portuguesa : das origens aos nossos dias: acompanhada de uma antologia*. [Lisboa, Portugal]: Empresa Nacional de Publicidade, [1955-1956]. v. 1.
- SPINA, Segismundo. *Presença da Literatura Portuguesa I. Era Medieval*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.
- TAVANI, Giuseppe. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br>. Acesso em: 18 mar. 2014.